

## LACUNAS ENTRE OS ATAQUES COMPLEXOS NO PORTUGUÊS: UM OLHAR DIACRÔNICO E ALGUMAS CONSIDERAÇÕES RELACIONADAS À PERCEPÇÃO

Paulo Chagas de SOUZA\*

- RESUMO: Embora o português admita sílabas com ataques complexos, os tipos de fato atestados estão sujeitos a diversas restrições. Em primeiro lugar, o único tipo de ataque complexo possível é o constituído por uma obstruinte não sibilante seguida de uma líquida. Mesmo nesse grupo menor de ataques complexos ainda há lacunas. Não é encontrado o ataque /dl/, e quase não é encontrado o ataque /tl/, que só ocorre em meio de palavra. Também não são encontrados ataques de palavras nativas com /vl/, e /vt/ na língua padrão não ocorre em início de palavra, a não ser na onomatopeia *vrum*. Este artigo examina essas lacunas com o objetivo de identificar por que elas existem. A conclusão do trabalho é que as lacunas em português com relação a ataques que têm a consoante /v/ como primeiro membro são explicadas como consequência das condições de surgimento dessa própria consoante a partir do latim. Já os dois primeiros ataques, /tl/ e /dl/, são desfavorecidos por dificuldades perceptuais.
- PALAVRAS-CHAVE: ataques complexos; português; fonologia; diacronia; percepção.

### Introdução

O português é uma língua que admite ataques silábicos complexos ou ramificados, ou seja, ataques constituídos por mais de uma consoante. Essa afirmação, no entanto, precisa ser bem matizada, pois as sequências admitidas são bastante restritas, sendo constituídas essencialmente de uma obstruinte seguida de uma líquida. No entanto, mesmo essa definição não é suficientemente precisa, pois há lacunas: nem toda sequência de obstruinte com líquida é admitida no português.

O objetivo deste artigo é identificar a origem diacrônica dos ataques complexos do português para examinar quais os fatores que diacronicamente produziram os tipos de lacunas encontrados entre esses 16 tipos de ataques complexos esperados, considerando que explicações formais sincrônicas se limitam a postular um filtro que erroneamente bloquearia outros ataques complexos. Com relação a um dos dois tipos de lacunas, veremos com algum detalhe questões relacionadas à percepção.

---

\* Universidade de São Paulo (USP). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo - SP - Brasil. Departamento de Linguística. pesouza@usp.br. ORCID: 0000-0003-0600-8401.

Este artigo está organizado da seguinte maneira: em primeiro lugar, apresento a posição do português dentro da tipologia silábica proposta por Maddieson (2013). Em seguida, examino os ataques complexos estritamente consonantais do português e quais tipos representam lacunas. Feito isso, retomo a relação entre a sonoridade e a estrutura silábica. Passo, então, a discutir os argumentos de Blevins (2004) em favor de uma abordagem diacrônica da fonologia para, a seguir, apresentar duas perspectivas diacrônicas distintas, a prospectiva, exemplificada na história do português por Williams (1975 [1938]), e a retrospectiva, exemplificada por Mattos e Silva (2006). Este trabalho apresenta uma perspectiva retrospectiva como em Mattos e Silva, mas focalizando os ataques complexos, e não segmentos isolados. Por fim, examino as lacunas, atribuindo-as a dois tipos de fatores. Lacunas como /v/ e /vt/ são meramente resultados das condições de produção diacrônica do /v/ a partir do /u/ latino. Já as lacunas /tl/ e /dl/ são recorrentes nas línguas em geral, e se devem a fatores perceptuais. Isso é ilustrado por exemplos do inglês, do alemão e do nivaclê. Uma seção de considerações finais encerra o artigo.

## Tipologia silábica

Uma classificação tipológica sucinta dos tipos de sílabas admitidos por cada língua é a encontrada em Maddieson (2013). O autor parte da observação de que o tipo mais recorrente de sílaba nas línguas do mundo é a sílaba CV. Esta é considerada por ele a sílaba canônica. Embora Breen e Pensalfini (1999) tenha argumentado que todas as sílabas em arernte, uma língua da família *Pama-Nyungan* falada na Austrália, são do tipo VC, a sílaba CV é tida pela maioria dos fonólogos como o único tipo de sílaba que aparentemente ocorre em todas as línguas do mundo, além de ser o tipo de sílaba mais comum em diversas línguas.

Para o português, os levantamentos de Vigário, Martins e Frota (2006) do português europeu (PE), e de Viaro e Guimarães-Filho (2007) das sílabas do português brasileiro (PB) apontam, respectivamente, 46,36% e 60,6% das sílabas como sendo CV.

Mesmo no holandês, que, como as línguas germânicas em geral, permite sílabas de grande complexidade (DE SCHUTTER, 1994), a saber, a mesma complexidade apontada abaixo para o inglês (até três consoantes no início da sílaba, e até quatro no final), a sílaba CV responde por 44,8% das sílabas do cópulus de van de Weijer mencionado em Lévelt e van de Vijver (2004), com as sílabas CVC representando 32,1%. Todos os demais tipos de sílabas juntas não perfazem nem um quarto do total de sílabas. O tcheco também, como é comum entre as línguas eslavas, apresenta sílabas de grande complexidade. Apesar disso, segundo Bičan (2015), a sílaba CV responde por 48,05% do total de sílabas da língua.

Outra evidência de que esse é o tipo canônico de sílaba é o fato de que em algumas línguas é o único tipo de sílaba permitido. Entre elas se incluem o havaiano e o mba (língua do tronco Níger-Congo falada no Congo-Kinshasa). Aparentemente Maddieson não distingue vogais de ditongos, pois como afirmam Alderete e MacMillan (2015),

o molde silábico do havaiano é (C)V1(V2). Pode-se concluir que a distinção que ele procura fazer é entre sílabas abertas (sem consoante final) e fechadas. Além disso, segundo Alderete e MacMillan (2015), o havaiano não exige que a sílaba tenha *onset*, de acordo com o molde citado. Mas isso não altera a classificação do havaiano com base nessa tipologia.

É um pouco mais frequente o tipo de línguas em que é permitido também que a sílaba não tenha uma consoante inicial, entre as quais Maddieson menciona o fijiano, o igbo (língua do tronco Níger-Congo falada na Nigéria), e o yareba (língua de Papua Nova Guiné). Nesse caso, a sílaba canônica pode ser representada por (C)V, com os parênteses indicando que a consoante inicial é opcional. Línguas desses dois primeiros tipos, ou seja, CV estrita e (C)V são classificadas por Maddieson como línguas de estrutura silábica simples.

Se além desse tipo básico, uma língua admite uma expansão mínima em cada margem, ou seja, uma consoante a mais ou no início ou no final da sílaba, ou em ambas as posições, essa língua é classificada por Maddieson como uma língua de estrutura silábica moderadamente complexa. Nesse grupo são incluídas as línguas em que as sequências de consoantes permitidas no início da sílaba são bastante restritas. Segundo Maddieson, é muito frequente que essa segunda consoante seja uma líquida ou um *glide*<sup>1</sup>. Ele cita a língua darai (Nepal) como exemplo desse tipo, já que o tipo mais complexo de sílaba que ela admite é CCVC, como em /bwak/ ‘pai (dele)’. A segunda posição desses ataques é sempre ocupada por um /w/.

Se uma língua admite combinações mais variadas de consoantes no ataque ou um número maior do que duas consoantes no ataque ou mais do que uma na coda, Maddieson as classifica como línguas de estrutura silábica complexa. Um exemplo claro desse tipo de língua, segundo ele, é o inglês, que apresenta sílabas que podem ter até três consoantes no início e quatro consoantes no final. Sílabas com essa expansão máxima são bem poucas. Um exemplo é *strengths*, com a pronúncia /stɪŋkθs/, mas não é difícil encontrar exemplos de sílabas iniciadas por três consoantes, como *split* e sílabas com quatro consoantes no final, como *texts* (/teksts/). Este número só é possível com codas morfológicamente complexas. A coda de *strengths* abrange três morfemas (stre)ng-th-s, e a de *texts*, dois: text-s.

Em vista dessa classificação, podemos dizer que, em termos tipológicos, as sílabas do português são de complexidade moderada. Admitem combinações de duas consoantes no ataque ou uma consoante na coda de uma sílaba. Deve-se ressaltar que a questão de se o português admite ou não codas complexas é sujeita a controvérsia. Collischonn (1999) considera que ele admite, mas os exemplos são todos de -ns, os quais não são pronunciados como duas consoantes de fato, ou seja, a análise se refere a um nível subjacente. Já Bisol (1999) considera que, como a única consoante possível como a segunda da coda é o /s/, ele é resultado de uma regra de adjunção à coda simples, única possível no português.

---

<sup>1</sup> A respeito dos *glides* e do fato de serem consoantes ou vogais ou algo intermediário, ver Levi (2011).

Essa classificação das línguas em três categorias baseadas na complexidade silábica abstrai vários aspectos, tais como a localização da sílaba na palavra e a frequência do tipo mais complexo. Se este tipo ocorre apenas em empréstimos recentes, ele foi desconsiderado por Maddieson. Apesar de não entrar nesses pormenores, trata-se de uma classificação bastante proveitosa.

### **Escala de sonoridade e estrutura silábica**

Embora se possa considerar que tenha exceções, entre as quais o polonês é um exemplo muito citado (v., por ex., BETHIN, 2011), uma generalização bastante robusta em fonologia é a de que as sílabas são construídas com base na Escala de Sonoridade (SIEVERS, 1901; SELKIRK, 1984; HOOPER, 1976; KIPARSKY, 1979). Esta escala aparece em várias versões, mais compactas ou mais detalhadas, sendo que a mais simples de todas é a seguinte, com níveis de sonoridade decrescente:

(1) vocóides > líquidas > nasais > obstruintes.

Ela é suficiente para explicar uma ampla gama de fenômenos fonológicos (ver PARKER, 2011).

Há, no entanto, línguas que demandam versões mais refinadas da escala. Um exemplo famoso é o tachelhit de Imdlawn, uma variedade do berbere analisada em Dell e Emedlaoui (1985, 1988, 2002), que requer a seguinte escala:

(2) vocóides baixos > vocóides altos > líquidas > nasais > fricativas sonoras > fricativas surdas > oclusivas sonoras > oclusivas surdas.

A generalização bastante abrangente que se tem é que a sonoridade cresce do início até o núcleo e depois decresce até o final da sílaba. Dessa maneira, os vocóides são os núcleos ideais, já que têm o nível máximo de sonoridade. Se a língua admite ataques complexos, o mais comum é que eles sejam formados por uma sequência crescente de sonoridade. Se a língua admite codas complexas, o mais comum é que elas sejam formadas por uma sequência decrescente de sonoridade.

O PB admite diversos ataques complexos diferentes, mas que podem ser agrupados numa única categoria: ataques formados de obstruinte seguida de *glide* ou líquida. Não é muito mencionado esse fato de os *glides* poderem compor ataques complexos no português. A questão não é simples, e é discutida em Simioni (2011). No entanto, um ataque que tem como segundo membro um *glide* não é um ataque complexo estritamente consonantal. Doravante quando me referir a ataques complexos estarei me referindo a esse subtipo específico, os estritamente consonantais, único tipo a ser analisado neste trabalho.

Se compararmos esses ataques com as possibilidades baseadas na escala de sonoridade, vemos que o português é bastante restritivo nesse aspecto, admitindo apenas um tipo de ataque complexo, mais especificamente aquele formado apenas pelos tipos diametralmente opostos de consoantes: uma com sonoridade mínima seguida de outra com sonoridade máxima.

É importante apontar que essa é uma restrição do PB e não algo universal, já que línguas como o grego clássico admitiam tanto oclusiva seguida de nasal (*pnéuma* ‘sopro’) quanto platôs de sonoridade, ou seja, sequências de duas consoantes com o mesmo nível de sonoridade: ataques complexos compostos de duas oclusivas (*pterón* ‘asa’) ou duas nasais (*mné:me*: ‘memória’).

Há ainda línguas que admitem ataques que mesmo o grego não permite, como o tcheco, que tem o adjetivo *mladý* ‘jovem’, iniciado por uma nasal seguida de líquida. Com isso, verifica-se, portanto, que o PB não admite ataques complexos formados por consoantes de igual sonoridade nem por consoantes com níveis adjacentes da escala de sonoridade (BISOL, 1999).

No entanto, nem toda combinação de obstruente com líquida é possível, tampouco. Se temos doze obstruintes fonêmicas no português e duas líquidas que podem ocorrer na segunda posição dos ataques complexos (a lateral anterior e o tepe), pelo menos teoricamente teríamos 24 possíveis ataques complexos diferentes. Se nos basearmos nessa escala, são cinco os tipos de ataques complexos não permitidos no PB: obstruente + obstruente; obstruente + nasal; nasal + nasal; nasal + líquida; líquida + líquida. A primeira, a terceira e a última apresentam platôs de sonoridade.

Isso ainda está longe, no entanto, de captar o que de fato é gramatical no português. Dentre as fricativas, somente as não coronais, ou não sibilantes /f v/, podem fazer parte de ataques complexos. Ficamos então com as oito obstruintes seguintes possíveis na primeira posição: /p t k b d g f v/. Combinadas com as duas líquidas admissíveis nessa posição, o tepe e a lateral anterior, teríamos, em princípio, dezesseis combinações possíveis, apresentadas no Quadro 1:

**Quadro 1** – Ataques complexos formados de obstruente + líquida.

	p	t	k	b	d	g	f	v
r	pr	tr	kr	br	dr	gr	fr	vr
l	pl	tl	kl	bl	dl	gl	fl	vl

**Fonte:** Elaboração própria.

No entanto, embora teoricamente possíveis, algumas dessas combinações não ocorrem como ataques complexos no PB, ou são extremamente restritas. São elas: /tʎ/, /dʎ/, /vʎ/ e em posição inicial /vr/. Além da onomatopéia *vrum*, o ataque /vr/ ocorre em variação na forma *vrido*. Os outros três desses quatro ataques complexos têm o /l/ como segundo elemento. Como assinala Loporcaro (2011), em geral os encontros

consonantais com /l/ tendiam a ser modificados em italiano, espanhol e português, embora tenham sido preservados em línguas como o francês. Alguns exemplos que ele cita de Lausberg (1976) são: italiano *piano, chiave, fiamma*, provenientes do latim *planus, clavis* e *flamma* e seus correspondentes em espanhol *llano, llave, llama*, em contraste com o francês *plain, clé, flamme*, correspondentes, respectivamente a *chão, chave* e *chama*<sup>2</sup> em português. O fato de esses encontros não terem sido eliminados do português se deve à constante reintrodução de latinismos por via erudita. De fato, como aponta Massini-Cagliari (2015), em cem cantigas de amigo e de amor por ela analisadas, o único exemplo de ataque complexo com lateral na segunda posição é o nome próprio *Clemenço*, na cantiga ‘Non vou eu a San Clemenço’ de Nuno Perez. Os outros seis exemplos presentes no levantamento do português arcaico feito pela autora provêm das Cantigas de Santa Maria. A hipótese de Massini-Cagliari a respeito dessa assimetria é que as Cantigas de Santa Maria apresentam um nível maior de formalidade da expressão, tendendo a preservar mais ataques complexos presentes no latim. É importante a esse respeito considerar também a constatação feita por Mattos e Silva (1989) e citada em Massini-Cagliari (2015), de que todos os casos de variação gráfica em causa provêm de consoante latina seguida de *l* e não de *r*, ou seja, a direção da mudança foi no sentido de substituir a lateral pelo tepe.

As duas seções seguintes detalham, cada uma, os ataques complexos iniciados por /v/ e os iniciados por oclusiva coronal, ou seja, /t/ ou /d/.

## **Blevins, sincronia e diacronia**

Durante praticamente todo o século XX, o ponto de vista predominante na linguística foi o sincrônico. Nesse sentido, foi Saussure que provocou uma reviravolta sincrônica com relação ao século XIX, eminentemente diacrônico. Saussure insistiu na separação entre os dois pontos de vista, embora talvez tenha feito isso não tanto com o intuito de excluir o ponto de vista diacrônico, mas de incluir o sincrônico. O ponto de vista diacrônico era tão predominante que o sincrônico praticamente inexistia no século XIX. Isso se inverteu em boa parte do século XX, embora mais no final do século a diacronia tenha gradativamente voltado a ganhar um lugar de destaque. Aurox (2000, p.xxxv) fala de “*resurgence of historical linguistics in the second half of the 20<sup>th</sup> century, following its initial decline as a result of the ‘Saussurean revolution’, and its impact on synchronic studies.*”

Mesmo assim, pode-se dizer que em grande parte o ponto de vista sincrônico ainda predomina na teoria linguística. Em fonologia, o procedimento mais comum é fazer uma análise completamente sincrônica, sem levar em consideração nenhum

---

<sup>2</sup> Do latim *planus* proveio também no português a forma de origem erudita *plano*. Além de /ʃ/, presente nos exemplos *chão, chave* e *chama*, os encontros com /l/ como segundo membro sofreram também rotacismo, como em *gluten > grude*.

aspecto diacrônico. Mas há autores que têm defendido a importância da diacronia para o entendimento de fenômenos sincrônicos.

Blevins (2004) considera que existem três tipos fundamentais de explicação em fonologia: histórica, teleológica e fonética. Em síntese, podemos considerar que: explicações históricas se baseiam em características de um momento anterior que determinam características de um momento posterior; explicações teleológicas se direcionam ao que será obtido caso elas ocorram, ou seja, se voltam para o futuro; explicações fonéticas se baseiam em características fonéticas que se fonologizam, se gramaticalizam.

Segundo Blevins, as explicações históricas eram um componente fundamental do pensamento neogramático, que incluía autores do final do século XIX como Hermann Paul, Karl Brugmann, August Leskien, Hermann Osthoff, entre outros. É famosa a afirmação de Paul (1920) de que a única forma científica de estudar a língua é historicamente.

Além dos neogramáticos, Blevins aponta Baudouin de Courtenay (1845–1929) como outro autor que atribui um papel central à história na determinação de padrões sonoros. Provavelmente Baudouin de Courtenay foi o primeiro autor a tratar padrões sonoros excepcionais como “resíduo histórico”, e a identificar a difusão lexical como fonte de inovações. Embora enfatizasse a importância de caracterizar as gramáticas sincrônicas, Baudouin criticava outros linguistas por ignorar a perspectiva histórica da gramática. Foi isso o que estruturalismo e o gerativismo fizeram: tratar de sistemas sincrônicos isolados. Blevins considera a concepção chomskyana da gramática gerativa como saussuriana no sentido de ser um sistema sincrônico de regras desvinculado de sua história. Isto é, ela mantém a separação entre os dois pontos de vista e prevalece o sincrônico sobre o diacrônico.

Nesse quadro de trabalho, explicações históricas só são buscadas quando se trata de explicar propriedades periféricas ou de alguma forma anômalas dos sistemas fonológicos sincrônicos.

No entanto, segundo Blevins, os paralelos extremamente comuns entre alternâncias fonológicas sincrônicas e tipos recorrentes de mudança sonora sugeriram a muitos autores, principalmente aos neogramáticos, que estes são a origem daquelas. Como ela afirma, entre as explicações mais aceitas das regularidades encontradas nos sistemas fonológicos é que elas são resultado da gramaticalização ou formalização de padrões fonéticos anteriores.

Blevins (2004) argumenta, em suma, que, *ceteris paribus*, os modelos gramaticais mais simples são preferíveis aos mais complexos, e que se já houver uma explicação diacrônica para determinado fenômeno, seria redundante propor uma explicação sincrônica. Pode-se acrescentar que, se houver uma explicação fonética para um fenômeno fonológico, uma explicação puramente formal seria redundante.

## Duas perspectivas diacrônicas

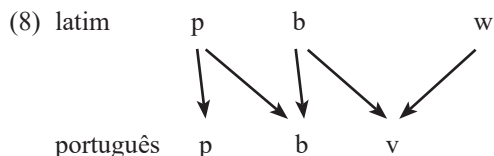
Saussure (1975 [1916]) distingue duas perspectivas diacrônicas: uma prospectiva, que acompanha o curso do tempo, ou seja, de um momento mais antigo a um momento mais recente; e uma retrospectiva, que faz o percurso na direção contrária, ou seja, de um momento mais recente a um momento mais antigo.

Ao estudar os ataques complexos do português é importante distinguir as duas perspectivas, porque a primeira focaliza qual foi o destino dos encontros consonantais existentes previamente: se se mantiveram, se alteraram ou foram eliminados. Já a perspectiva retrospectiva focaliza de onde vieram os encontros consonantais existentes num determinado estágio da língua: se se mantiveram, se alteraram ou foram criados. As perspectivas se sobrepõem, mas se distinguem.

Um exemplo da distinção dessas perspectivas, focalizando apenas consoantes simples, ajuda a entender melhor a distinção. Os exemplos ilustram correspondências encontradas regularmente entre formas latinas e formas portuguesas. O termo *correspondências* é empregado aqui no sentido que tem como parte do método comparativo na linguística histórica, de sons encontrados na mesma posição em diferentes estágios históricos de uma mesma palavra ou em cognatos. Não se trata, portanto, de algo que pretenda comparar os sistemas no sentido saussuriano de que o “mesmo” elemento /p/ pode ter valores diferentes em sistemas diferentes. São as seguintes as correspondências:

- |            |       |       |
|------------|-------|-------|
| (3) pede-  | pé    | p > p |
| (4) lupu-  | lobo  | p > b |
| (5) bonu-  | bom   | b > b |
| (6) habere | haver | b > v |
| (7) uinu-  | vinho | w > v |

As correspondências entre os segmentos nos exemplos citados quando no ataque silábico podem ser representadas como a seguir:



Numa perspectiva prospectiva, podemos verificar que alguns /p/ permaneceram como tal, mas que outros se transformaram em /b/. De forma semelhante, alguns /b/ permaneceram como tal, mas outros se transformaram em /v/. Já numa perspectiva retrospectiva, vemos que todos os /p/ do português provêm de /p/ latino, ao passo que nem todo /b/ provêm de /b/ latino. Uns provêm de /b/, mas outros provêm de /p/.



Como a intenção neste trabalho é examinar de onde provieram os ataques complexos do português, nossa perspectiva será essencialmente retrospectiva.

Duas referências importantes no trabalho diacrônico relacionado às consoantes do português são Williams (1975 [1938]) e Mattos e Silva (2006). Veremos a seguir um resumo do que é apresentado nessas duas obras sobre a correspondência das consoantes do latim e do português.

### **Williams (1975 [1938])**

A perspectiva adotada por Williams é prospectiva. Ele estuda o que ocorreu com as consoantes latinas na formação do português. Por ex., o que houve com as consoantes iniciais simples, que na maioria dos casos se mantiveram inalteradas até o português; com as consoantes intervocálicas simples, que em geral sofreram enfraquecimento ou lenição, as oclusivas surdas que se sonorizaram, e as sonoras frequentemente sendo eliminadas. Também estuda o que ocorreu com os grupos consonantais iniciais, que tiveram destino variado, alguns se mantendo (por ex., os grupos cujo segundo elemento era o [r]), outros se alterando (alguns em que o segundo elemento era uma lateral, como *bl* e *gl*), e ainda outros se transformando em consoantes simples, como *cl*, *fl* e *pl*, que se palatalizaram em [tʃ], o qual depois se simplificou em [ʃ].

### **Mattos e Silva (2006)**

Já Mattos e Silva (2006) apresenta um levantamento detalhado da origem das consoantes do português arcaico, quer elas provenham de consoantes simples, quer de sequências de segmentos, além das que provêm de semivogais. Sua perspectiva pode ser considerada eminentemente retrospectiva, como a deste trabalho, mas focalizando essencialmente as consoantes simples do português arcaico.

Ela trata de grupos consonantais apenas quando deles resultam consoantes simples, como, por ex., *-ty-* em posição medial, o qual pode originar um *-s-* ou um *-z-*. (ver MATTOSO CÂMARA JR., 1975)<sup>3</sup>. A perspectiva adotada neste trabalho é semelhante à de Mattos e Silva, mas em vez de examinar de onde provêm as consoantes simples do PB, examinarei de onde provêm os ataques complexos do PB. Antes disso, no entanto, sigamos Mattos e Silva para identificar de onde provêm as consoantes do PB.

Mattos e Silva arrola as consoantes do latim como sendo as oclusivas /p t k b d g/, as constrictivas /f s/, as nasais /m n/, a lateral /l/ e a vibrante /r/. Curiosamente, Mattos e Silva não menciona o /h/ entre as consoantes. Uma possível justificativa para essa ausência seria o fato de que esse /h/ foi eliminado nas línguas românicas. O /h/

---

<sup>3</sup> Não incluí Mattoso Câmara Jr, 1970, nas referências, porque a única referência feita a possíveis ataques complexos é a menção, de passagem, na p. 57 a palavras como *ptose*, *pneumático*, *psicologia* e *tmese*.

existente no romeno atual ocorre em palavras de origem não latina, ex.: *hotar* ‘limite, fronteira’, do húngaro *határ*.

Na comparação do sistema consonantal latino clássico com o sistema consonantal do português, uma característica marcante foi o desaparecimento da oposição entre consoantes simples e geminadas. No latim, como lista Mattos e Silva, todas as consoantes, exceto o /h/, omitido por ela, podiam ser geminadas. Os exemplos dados por ela são os seguintes: *suppa* > *sopa*; *abbate* > *abade*; *cattu* > *gato*; *additione* > *adição*; *bucca* > *boca*; *aggredire* > *agredir*; *officina* > *oficina*; *ossu* > *osso* [s]; *flamma* > *chama*; *annu* > *ano*; *caballu* > *cavalo*; *ferru* > *ferro* [R].

Podemos detectar através da observação do inventário consonantal latino que ele não possuía fricativas (ou constrictivas) sonoras, nem tampouco consoantes palatais ou pós-alveolares, no que diferia do português.

Para nossos objetivos aqui, será importante reter de Mattos e Silva a informação de onde proveio a consoante /v/: em posição inicial ela proveio somente de /u/ latino assilábico seguido de vogal, como em *winu-* > *vinho*; *wano* > *vão*; *widere* > *ver*; em posição medial, /v/ provém de /u/ latino assilábico circundado de vogais (*lauare* > *lavar*) ou de -b- circundado por sons vozeados (*faba* > *fava*; *liber* > *livro*).

O processo que conduz de /u/ semivocálico a /v/ é o mesmo que conduz de /i/ semivocálico a /z/, como em *iam* > *já*, ou seja, o fortalecimento. Tanto /v/ quanto /z/ provêm de alofones semivocálicos de vogais altas latinas.

## Ataques complexos em português: as lacunas

Retomando o que foi exposto na seção inicial, temos que os ataques complexos do PB são compostos de uma obstruinte não-sibilante seguida de uma líquida. Examinemos com mais atenção os ataques complexos esperados e os de fato encontrados em posição inicial e medial no português brasileiro (PB) atual. As tabelas a seguir detalham as possibilidades e as lacunas. Os exemplos são de elaboração própria.

**Quadro 2** – Ataques complexos em início de palavra.

	l	r
p	plano	prato
b	bloco	briga
t	---	trigo
d	---	drama
k	claro	crivo
g	globo	grito
f	flecha	frito
v	(Vladimir)	(vrum)

**Fonte:** Elaboração própria.

### Quadro 3 – Ataques complexos em meio de palavra.

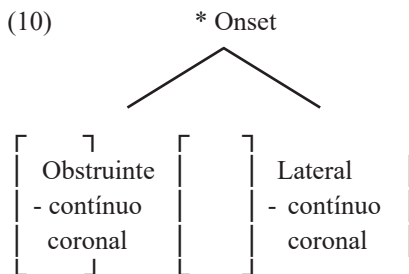
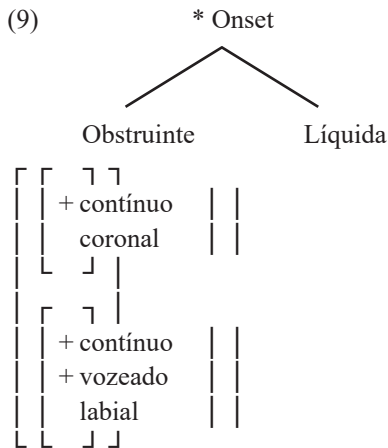
	l	r
p	duplo	compra
b	ablativo	sombra
t	(atleta)	potro
d	---	ladrão
k	declive	lacre
g	deglutir	negro
f	reflexo	cofre
v	(Pavlov) <sup>4</sup>	livro

**Fonte:** Elaboração própria.

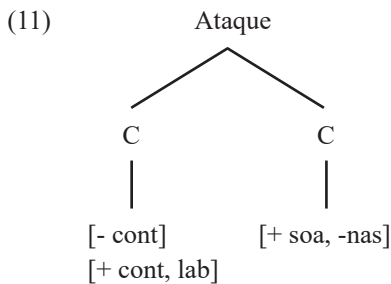
Embora talvez possíveis, algumas dessas combinações não ocorrem como ataques complexos no PB, ou são muito restritas. São elas: /tʎ/, /dʎ/, /vʎ/ e em posição inicial /vʎ/. As principais referências sobre a fonologia do português não explicam de fato essas lacunas. Entre elas se pode mencionar, em primeiro lugar, Mateus e D’Andrade (2000), que vão pouco além de listar quais ataques complexos ocorrem e quais não ocorrem em português. O trabalho de Vigário e Falé (1993), por eles mencionado numa nota, propõe como possível explicação uma escala de sonoridade mais refinada que a apresentada no exemplo (1) deste trabalho. Ela apresenta a mesma distinção da escala no exemplo (2), de Dell e Emedlaoui, que considera fricativas mais sonoras que oclusivas, e também segmentos vozeados como mais sonoros que os desvozeados. Mas a distinção adicional proposta, que considera fricativas coronais mais sonoras do que fricativas não coronais não é embasada em argumentação, podendo ser considerada *ad hoc*. Collischonn e Wetzels (2015), por outro lado, apresentam dois filtros que dão conta dos ataques complexos não atestados. São eles:

---

<sup>4</sup> Embora essa palavra normalmente seja pronunciada com epêntese de [i] entre o [v] e o [ʎ], talvez seja possível a pronúncia com ataque complexo. Em russo, a pronúncia seria [pɐ.'vʎof], havendo de fato, então, ataque complexo na segunda sílaba.



Bisol (1999) formula uma condição positiva do ataque complexo:



Embora delimitem quais ataques complexos são gramaticais e quais não são, tanto os filtros quanto a condição param nesse ponto. O que justifica a existência desses filtros e dessa condição? São algo arbitrário ou se baseiam em alguma dificuldade de produção ou percepção? O ponto de vista defendido neste artigo é que formalismos como esses ficam aquém de uma explicação de fato.

Propõe-se aqui, então, uma análise diacrônica para explicar as lacunas entre os 16 tipos de ataques complexos esperados. Elas serão divididas em dois grupos a seguir, para ser mais bem entendidas. O primeiro é bastante simples e pode ser explicado em termos diacrônicos com base no contexto adjacente. O segundo pode ser explicado com base em propriedades acústicas desse tipo de encontro consonantal.

### Ataques complexos com /v/

O latim clássico não tinha /v/, como é discutido em Meiser (2002) e em McCullagh (2011). Este lista os seguintes fonemas consonantais no latim: as oclusivas /p b t d k g k<sup>w</sup> g<sup>w</sup>/, as fricativas /f s h/, a vibrante /r/, a lateral /l/, as aproximantes /j/ e /w/ e as nasais /m n ŋ/. Tanto McCullagh quanto Meiser consideram controverso o estatuto de /k<sup>w</sup> g<sup>w</sup>/ como fonemas. McCullagh faz o mesmo com relação à nasal velar /ŋ/. Observe-se que não há fricativas sonoras, entre as quais se incluiria o /v/.

Preponderante, o /v/ português se origina de um /u/ latino, que tinha como alofone a semivogal [w]. Apresento aqui o detalhamento que Allen (1978) faz a respeito das semivogais latinas. A letra latina <I> representava tanto o [i] vocálico como o [i] consonantal ou semivocálico. O mesmo se pode dizer do <V>, que representava os dois tipos de [u]. A distinção entre <U> vocálico e <V> consonantal, e entre <I> vocálico e <J> consonantal é do Renascimento (BONFANTE, 1996). A diferença entre as vogais e as semivogais, segundo Allen, é que as vogais se encontravam no núcleo, e as semivogais na margem da sílaba. O fato de que as duas semivogais tinham essencialmente a mesma pronúncia das vogais correspondentes é corroborado pela transliteração grega de palavras latinas, por ex., *Iulium*, com <i> semivocálico, aparecia em grego como *Ιουλιον*, ou seja, com iota; já *Valerii*, com <u> semivocálico, aparece transliterado com o dígrafo <ου>, como em *Οὐαλεριου*<sup>5</sup>.

Outra indicação da equivalência sonora entre a pronúncia vocálica e a semivocálica era o fato de esporadicamente as semivogais serem usadas como vogais em poesia e vice-versa. Os exemplos citados por Allen são *Iulius* com quatro sílabas (i-u-li-us) em vez de três (iu-li-us), e *abiete* com três sílabas (a-bie-te) em vez de quatro (a-bi-e-te), ilustrando a situação para o <i>; e *silua* com três sílabas (si-lu-a) em vez de duas (sil-va), e *genua* com duas sílabas (ge-nua) em vez de três (ge-nu-a), que ilustram a situação para o <u>.

Segundo Allen, contudo, no século I D.C. já começa a surgir confusão nas inscrições entre <V> consonantal e <B>, o que indica que aquele já tinha começado a adquirir uma pronúncia fricativa, provavelmente próxima à do espanhol *lavar*. Embora Allen se refira a essa pronúncia do espanhol como fricativa, ela é, a rigor, uma aproximante, pois não há produção de ruído. Nesse sentido, a mudança seria menor ainda com relação à pronúncia clássica: apenas a passagem de uma aproximante labiovelar a

---

<sup>5</sup> Allen não apresenta simplesmente a forma transliterada para o grego dos nomes latinos citados, mas sim a forma no caso correspondente em grego, com desinências distintas das latinas para o acusativo *Iulium* e o genitivo *Valerii*.

uma aproximante bilabial. No século II, Velius Longus já se refere à pronúncia desse som como realizada com fricção ('cum aliqua adspiratione'). No século V a pronúncia [w] ainda sobrevivia em variação, mas a pronúncia fricativa já era tão difundida que Prisciano tinha que ditar regras de quando escrever com <u> ou com <b>.

Se o latim não tinha /v/, para identificarmos o motivo das lacunas /vl/ e /vr/ entre os ataques complexos no português (este último só constitui lacuna em início de palavra, pois ocorre no meio), precisamos retomar os contextos em que surgiu um /v/ no português a partir de outros sons latinos, e verificar a possibilidade desse /v/ ter surgido precedendo /l/ ou /r/ na mesma sílaba.

O /v/ surgiu no português como resultado de dois processos opostos desde o latim. Por um lado, fortalecimento de um /u/. Por outro, lenição de um /b/.

Partimos da afirmação de Mattos e Silva de que o /v/ proveniente de /u/ latino provém de /u/ assilábico inicial seguido de vogal<sup>6</sup> e de /u/ assilábico medial circundado de vogais (*lauare* > *lavar*). Isso explica a inexistência de ataques complexos com /v/ originário de /u/, já que esse /u/ originalmente tinha apenas vogais adjacentes a ele.

Já o /v/ proveniente de /b/ latino pode originar ataque complexo. Além de exemplos como *liber*, *libri*, do qual provém *livro*, que já possuíam ataque complexo medial, outra origem possível desse tipo de ataque complexo seria um processo de síncope que eliminasse a vogal seguinte ao /v/, e se essa vogal fosse seguida por um /l/ ou um /r/. Exemplos desse tipo são *lavrar*, proveniente de *labōrāre*. e *liber*, *libera*, *liberum*, do qual provém o adjetivo *livre*.

Isso explica a existência de apenas um tipo de ataque complexo com /v/ seguido de líquida nas palavras vernáculas e sua ausência em posição inicial. Em suma, temos a seguinte lista de correspondências representadas informalmente, com V representando uma vogal, C representando uma consoante e S, um som sonoro:

- (12) wV → vV  
VwV → VvV  
wC → uC  
VwC → VuC  
CwV → CvV  
...SbS... → ...SvS...

Apesar de poder se originar um ataque complexo com /b/ a partir de palavra latina, ele é sempre /vr/ e nunca /vl/ por dois motivos. Mesmo que tenha havido um /v/ seguido de vogal seguida de /l/ e essa vogal posteriormente tiver sido elidida, o /l/ tenderia a passar a /r/ como em *gluten* > *grude*, ou ser apagado, como em *populu-* > *povo*.

Uma última observação importante a respeito dos ataques complexos /vl/ e /vr/, principalmente em vista do que será discutido na próxima seção, é que eles não

---

<sup>6</sup> Obviamente um /u/ assilábico só pode ser seguido de vogal. Nesse caso se trataria de uma semivogal, que tem sempre que ter uma vogal vizinha a ela. Se fosse seguido de consoante, necessariamente o /u/ teria que ser silábico.

apresentam qualquer dificuldade de produção ou percepção, como no caso de palavras como *Vladimir e livro*. Esse fato demonstra que não é algo na fonologia sincrônica que torna esse tipo de ataque complexo raro. Isso ocorre pela combinação de condições diacrônicas necessárias para o surgimento desses encontros.

### Ataques complexos com /t/ e /d/ seguidos de /l/

Os ataques complexos que envolvem /t/, /d/ e /l/ são constituídos de consoantes que já existiam no latim. Os ataques /tl/ e /dl/ existiam em latim? Marotta (1999) afirma que não existiam. De fato, /dl/ tautossilábico não ocorre nos verbetes dos dicionários latinos, como por ex. Gaffiot (2016) e no *Oxford Latin Dictionary* (GLARE, 1968-1982). É reconstruída uma forma \**dlongus* do adjetivo *longus* do latim clássico, mas como é comum ocorrer com esse tipo de ataque complexo, ele se simplificou. Quanto a /tl/, ele não ocorria como ataque complexo em início absoluto de palavra em latim clássico, mas há uma meia dúzia de palavras iniciadas por *stl-* listadas em ambos os dicionários. Com pequenas diferenças entre eles, a lista traz: *stlata* nome de um tipo de embarcação (termo derivado do particípio \**stlatus*, depois *latus*, do verbo *fero, ferre* ‘levar’), e dois adjetivos derivados dessa palavra, *stlataris, stlatarius* (ou *stlattaris*); *stlembus* ‘lento’; *stlis*, depois *lis*, ‘querela’; e *stlocus*, depois *locus* ‘lugar’. Ou seja, o latim chegou a ter palavras iniciadas em *stl-* mas esse encontro se simplificou em /l/ simplesmente. É possível que tenha havido uma fase em que essas palavras se iniciavam por *tl-*, mas essa é uma estrutura instável, eliminada como também o *dl-* de \**dlongus*.

As palavras iniciadas propriamente por *tl-* em latim eram na realidade empréstimos do grego. Apesar desses poucos contraexemplos, podemos considerar que /tl/ e /dl/ em latim clássico já não existiam. Podemos nos perguntar por que isso acontecia.

Como aponta Marotta, uma resposta formal, como a que se baseia num filtro que excluísse duas consoantes coronais em seguida não funcionaria, pois isso excluiria também os encontros /tr/ e /dr/. Argumento a seguir que a inexistência desses dois ataques complexos se deve principalmente à dificuldade de percepção, o que faz com que /tl/ e /kl/, e /dl/ e /gl/ se confundam.

### O *Appendix Probi*

A primeira evidência a respeito da dificuldade na distinção perceptual de /tl/ e /dl/ com relação a /kl/ e /gl/, é o *Appendix Probi*, que foi um apêndice da gramática latina de Probo. O texto foi encontrado num palimpsesto do século VIII denominado *Instituta Artium* e traz uma lista de 227 pares de formas. Cada par contém inicialmente uma forma considerada correta e outra vulgar, considerada incorreta. Por esse motivo, o *Appendix* é uma fonte importante para o conhecimento do latim popular falado.

O *Appendix* contém inúmeros exemplos que nos revelam características fonológicas do latim vulgar. Uma delas é a síncope de vogais pós-tônicas, processo recorrente também hoje no PB.

(13) *tabula non tabla*

(14) *calida non calda*

O que nos interessa mais de perto no *Appendix* é um conjunto de três exemplos em que, como resultado da síncope, seria produzida uma sequência *-tl-*. Observem que em vez dessa sequência aparece a sequência *-cl-*.

(15) *vetulus non veclus*

(16) *vitulus non viclus*

(17) *capitulum non capiclum*

Ou seja, quando era produzida uma sequência [tl], ela acabava sendo adaptada para [kl]. O mesmo fenômeno foi reportado sobre o português por Cristóforo-Silva (2003), citando a forma *Aclético* em lugar de *Atlético*<sup>7</sup>. Como será visto adiante com relação ao inglês e ao alemão, Cristóforo-Silva observa que essa pronúncia não é marcada socialmente e que os falantes não se dão conta dela.

Diante de dados como esses, a hipótese inicial deste trabalho era que por questões de percepção, [tl] acabava passando a [kl]. Expandir o olhar, no entanto, frequentemente, nos traz contribuições importantes. É o que veremos na seção seguinte.

## Além do português e do latim

Como afirma Sen (2015), têm sido obtidos ganhos com o exame dos fenômenos do latim levando em conta os desenvolvimentos recentes da fonética e da fonologia, considerações tipológicas e teorias fonológicas.

A hipótese inicial deste trabalho era que [tl] acabava passando a [kl]. Posteriormente, entretanto, o contato com o artigo de Blevins e Grawunder (2009), que trata exatamente da mudança oposta em variedades do alemão e do inglês (nos quais os ataques /kl/ e /gl/ se transformaram em /tl/ e /dl/, respectivamente) forçou a revisão dessa hipótese. Em vista do que foi proposto aqui, ou seja, que /tl/ e /dl/ são ataques complexos instáveis que facilmente passariam a /kl/ e /gl/, isso parece contraditório.

Vejamos, então, com algum detalhe, o que Blevins e Grawunder apresentam sobre essa mudança. Residindo numa região da Alemanha, a Saxônia (Sachsen), que inclui

---

<sup>7</sup> De acordo com o que apontou um(a) parecerista anônimo/a deste artigo, a forma que ocorre de fato é *Acrético*, e não *Aclético*. Mesmo assim, a existência da forma *Acrético* só é possível havendo ou tendo havido um estágio intermediário (derivacional ou diacrônico) em que a pronúncia é ou era *Aclético*. *Atlético* não daria como resultado *Acrético* diretamente. A sequência de transformações seria: tl > kl > kr.



Leipzig e Dresden, em que o nome *Klaus* é pronunciado como [tlaus] e ao perguntar a opinião de alguém a forma *glaubst* (você acha) às vezes é pronunciada [dlaupst], os autores ficaram surpresos ao verificar que havia pouca documentação desse fenômeno.

Uma primeira constatação é que essa mudança ocorreu pelo menos duas vezes na história das línguas germânicas. Pelo menos uma vez no que atualmente é a região central da Alemanha e uma vez no inglês do século XVII.

Os dados a seguir são de um falante de Chemnitz. Primeiramente vejamos exemplos de /kl/ inicial que passou a /tl/ no dialeto Ostvogtländisch (GUNN, 2005). Blevins e Grawunder apresentam uma lista bem mais extensa. Foram selecionados apenas alguns para ilustrar aqui o fenômeno. Cada linha contém a pronúncia do encontro inicial transcrito, seguido da ortografia da palavra, que reflete sua pronúncia padrão, e sua tradução:

(18) [tl]ammern	<i>Klammern</i>	‘prendedores’
[tl]ang	<i>Klang</i>	‘som’
[tl]ein	<i>klein</i>	‘pequeno’

Em seguida temos exemplos de /gl/ inicial que passou a /dl/ na mesma região:

(19) [dl]as	<i>Glas</i>	‘vidro’
[dl]aube	<i>glaube</i>	‘acredito’
[dl]eich	<i>gleich</i>	‘imediatamente’
[dl]ocke	<i>Glocke</i>	‘sino’
[dl]ück	<i>Glück</i>	‘sorte’
[dl]impflich	<i>glimpflich</i>	‘suave’
[dl]etscher	<i>Gletscher</i>	‘glaciar’

Essa mudança ocorreu não exatamente só em início de palavra, pois há exemplos do mesmo tipo com palavras iniciadas com prefixos átonos como *be-* e *ge-*:

(20) be[tl]ag	<i>beklag</i>	‘reclamo’
ge[dl]aubt	<i>geglaubt</i>	‘acreditado’

Diferentemente do que a mudança documentada no *Appendix Probi* havia sugerido na elaboração inicial deste trabalho, Blevins e Grawunder (2009) consideram que a dificuldade não se encontra exatamente na percepção dos ataques /tl/ e /dl/ em si, mas sim na distinção perceptual de /tl/ e /dl/ com relação a /kl/ e /gl/, com os quais se confundem facilmente.

Os autores não se limitaram a basear seus dados em impressões auditivas da pronúncia dos encontros TL. Além de medições acústicas, realizaram palatografia estática para verificar o ponto de articulação. Tanto os dados palatográficos quando os dados acústicos corroboraram as impressões auditivas de que se tratava de um [tl].

O mesmo tipo de mudança, com ambas as oclusivas velares, se verificou no inglês do século XVII. Entre outros autores, ela foi discutida por Jespersen (1904). Blevins e Grawunder citam, entre outros, os exemplos abaixo em início de palavra. As três colunas contêm exemplos de Windhill (situada em Yorkshire), e de Lorton e Penrith (situadas na Cúmbria). As colunas seguintes trazem a forma correspondente em inglês antigo e a forma atual, com a tradução entre parênteses.

(21)	tlap	tlap	–	klappjan	‘clap’ (‘bater palmas’)
	tliŋ	tliŋ	tliŋ <sup>8</sup>	kliŋgan	‘cling’ (‘agarrar-se’)
	tliæz	tliæz	tliæz	kla:ðas	‘clothes’ (‘roupa’)
	tloŋ	tloŋ	–	klunŋen	‘clung’ (‘agarrado a’)
	tla:d	tləwd	tlu:d	klu:d	‘cloud’ (‘nuvem’)
(22)	dlad	dlad	dlad	glæd	‘glad’ (‘contente’) <sub>r</sub>
	dliætər	dliætər	dliætə	gliterən	‘glitter’ (‘reluzir’)
	dlov	dliæv	dluvz	glo:f	‘glove’ (‘luva’)

Segundo Blevins e Grawunder, uma característica comum a esses processos, é a ausência de estigma com relação às pronúncias [tl] e [dl], presente inclusive na fala de “educated people”, segundo Wright (1905) e Brilioth (1913).

Ao tratar de mudanças fonéticas independentes comuns em línguas ou dialetos distintos Blevins e Grawunder fazem referência a dois tipos de fatores que as desencadeiam: fatores fonéticos, que incluem a articulação, a percepção, ou ambas; e fatores estruturais (OHALA, 2003; BLEVINS, 2004).

A ausência de um contraste pode ser um fator estrutural catalisador de uma mudança sonora. Quanto aos fatores fonéticos, mais de um estudo citado por elas mostra em línguas diferentes que há coarticulação com antecipação do gesto alveolar, resultando numa oclusiva complexa, sendo /kl/ produzido como [ktl], e /gl/ como [gdl]. Mas a percepção também desempenha um papel importante. Uma afirmação encontrada em vários autores é a de que os falantes não percebem a diferença entre a pronúncia de [tl] e [kl]. Um argumento forte segundo as autoras a favor de considerarmos que a percepção desempenha um papel importante é o fato de ocorrer mudança nas duas direções.

Outro caso extremamente revelador relacionado a esse tipo de ataque complexo, de oclusiva coronal seguida de lateral é o que se encontra na língua paraguaia nivaclê, cujos detalhes se encontram em Fabre (2016) e Gutiérrez (2015).

O nivaclê tem uma consoante complexa, transcrita como /kl/. Segundo a hipótese de Gutiérrez, esse /kl/ se originou de um /l/ diacronicamente através de duas etapas. A primeira foi um fortalecimento, que é o contrário da lenição. Esta representa o

<sup>8</sup> O texto original traz a forma *tliŋ*, provavelmente um erro tipográfico, pois a nasal final não seria uma nasal retroflexa, inexistente no inglês, e sim uma nasal velar.

enfraquecimento na articulação de uma consoante, segundo a definição de Vennemann numa comunicação pessoal citada em Hyman (1975, p.165) como segue: “*A segment X is said to be weaker than a segment Y if Y goes through an X stage on its way to zero*”. O fortalecimento seria o processo contrário, o que incluiria a oclusivização como uma de suas possibilidades. Gutiérrez supõe que o /l/ tenha primeiro se fortalecido pelo processo de pré-oclusivização, passando a /tl/ e só depois disso passado a /kl/. Ou seja, essa língua apresentaria o mesmo tipo de processo atestado no *Appendix Probi*.

Quanto às razões fonéticas dessa mudança, Gutiérrez cita Flemming (2007), segundo o qual as pistas de transição de formantes são mais limitadas antes de [l] do que antes de [r], então o contraste entre pontos de articulação diferentes tende a ser mais limitado diante de [l]. Ele cita também Kawasaki (1982), que observa que muitas línguas admitem [pl, kl] / [bl, gl] em início de palavra, mas excluem [tl, dl]. Segundo Kawasaki (1982), o contraste entre oclusivas velares e coronais tende a ser neutralizado diante de lateral, e o resultado mais comum da neutralização é uma velar.

O último trabalho citado por Gutiérrez que menciono aqui é Hallé, Best e Bachrach (2003), no qual foi realizado um estudo em que falantes de francês e hebraico ouviram os encontros /tl/ e /kl/. Uma diferença importante é que /tl/ e /dl/ são possíveis em hebraico, mas não em francês. Os falantes franceses tendiam a ouvir [tl] e [dl] em início de enunciado como [kl] e [gl], respectivamente, além de ter dificuldade de discriminar os pares [tl] e [kl], e [dl] e [gl].

## Considerações Finais

Examinamos quatro lacunas encontradas entre os ataques complexos formados de obstruintes não sibilantes seguidas de líquidas no português, ou seja, /vl/, /vr/, /tl/ e /dl/. A inexistência ou quase inexistência dos ataques complexos /vl/ e /vr/, sendo este último encontrado no português padrão praticamente apenas em meio de palavra, é aparentemente arbitrária, já que esses encontros não apresentam dificuldade nem de produção nem de percepção para falantes do português. No entanto, como foi demonstrado, essa inexistência ou raridade se explica essencialmente pelas condições em que o /v/ surgiu no português a partir do /b/ e do /u/ latinos.

Já as duas últimas podem ser explicadas por dificuldades perceptuais. Como vimos, há um grau acentuado de dificuldade de distinguir /tl/ e /dl/, respectivamente, de /kl/ e /gl/. Isso fica comprovado também pela ocorrência de passagens de /tl/ a /kl/ e de /dl/ a /gl/, e vice-versa. Um argumento em favor de considerar que as sequências /tl/ e /dl/ são de fato as desfavorecidas entre essas quatro é o fato de elas serem menos frequentes nas línguas em geral<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> Agradeço esse argumento a Thomas Daniel Finbow.

## Agradecimentos

Agradeço muito o auxílio de Maria Cristina Fernandes Salles Altman, cujos comentários muito contribuíram para melhorar o texto final.

Agradeço também aos pareceristas anônimos da ALFA, que também contribuíram grandemente para melhorar a versão final do texto.

SOUZA, P. Gaps among complex onsets in Portuguese: a diachronic view and some considerations related to perception. *Alfa*, São Paulo, v.65, 2021.

- *ABSTRACT: Although Portuguese admits syllables with complex onsets, there are several constraints on the kinds of actually occurring complex onsets. Firstly, the only kind of possible complex onset is the one formed by a non-sibilant obstruent followed by a liquid. Even within this smaller group of complex onsets there are still gaps. The onset /dl/ does not occur; whereas the onset /tl/ is hardly ever found, and only in the middle of words. There are also no /vl/ and /vr/ onsets at the beginning of native words in the standard language, except in the onomatopoea vrum. The present article examines these gaps with the purpose of identifying why they exist. The conclusion reached is that the gaps in the onsets including the consonant /v/ as their first member are explained as a result of the conditions for the development of that consonant from Latin to Portuguese. The first two complex onsets, /tl/ and /dl/, on the other hand, are disfavored due to perceptual difficulties.*
- *KEYWORDS: complex onsets; Portuguese; phonology; diachrony; perception.*

## REFERÊNCIAS

ALDERETE, J.; MACMILLAN, K. Reduplication in Hawaiian: variations on a theme of minimal word. *Natural language and linguistic theory*, Berlin, v.33, n.1, p.1-45, 2015.

ALLEN, W. S. **Vox latina**: a guide to the pronunciation of classical Latin. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1978.

AUROUX, S. Editor's foreword. In: AUROUX, S. *et al.* (org.). **History of the language sciences**: an international handbook on the evolution of the study of language from the beginnings to the present. Berlin: Nova York: Walter de Gruyter, 2000. v.1. p.XXV-XXXV.

BETHIN, C. Y. Glides. In: OOSTENDORP, M. Van (org.). **The Blackwell companion to phonology**. Oxford: Blackwell, 2011. p.2609-2630.

BIČAN, A. Kvantitativní analýza slabiky v českém lexikonu. *Linguistica brunensia*, Brno, v.63, n.2, p.87-107, 2015. Título em português: Análise quantitativa da sílaba no léxico tcheco.

- BISOL, L. A Sílabas e seus constituintes. *In*: MOURA NEVES, M. H. de. **Gramática do português falado**. Campinas: UNICAMP/FAPESP, 1999. v.7. p.701-742.
- BLEVINS, J. **Evolutionary phonology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- BLEVINS, J.; GRAWUNDER, S. \*KL > TL sound change in Germanic. **Linguistic typology**, Berlin, v.13, n.2, p. 267–303, 2009.
- BONFANTE, L. The scripts of Italy. *In*: DANIELS, P. T.; BRIGHT, W. (org.). **The world's writing systems**. Oxford: Oxford University Press, 1996. p.297-311.
- BREEN, G.; PENSALFINI, R. Arrernte: a language with no syllable onsets. **Linguistic inquiry**, Cambridge, MA, v.30, n.1, p.1–25, 1999.
- BRILIOTH, B. **A grammar of the dialect of Lorton (Cumberland) historical and descriptive**: with an appendix on the Scandinavian element, dialect specimens and a glossary. London: Cambridge University Press, 1913.
- COLLISCHONN, G. A sílaba em português. *In*: BISOL, L. (org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 2.ed. rev. e aum. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999. p. 91-123.
- COLLISCHONN, G.; WETZELS, W. L. Syllable structure. *In*: WETZELS, W. L.; COSTA, J.; MENUZZI, S. (org.). **The Handbook of Portuguese Linguistics**. Chichester: Wiley-Blackwell, 2015. p. 86-106.
- CRISTÓFARO-SILVA, T. Sound change in tautosyllabic consonantal clusters in Brazilian Portuguese. *In*: INTERNATIONAL CONGRESS OF PHONETIC SCIENCES, 15., Barcelona. **Proceedings** [...], Barcelona, 2003. p.1675-1678.
- DELL, F.; EMEDLAOUI, M. **Syllables in Tashlhiyt Berber and in Moroccan Arabic**. Dordrecht: Kluwer, 2002.
- DELL, F.; EMEDLAOUI, M. Syllabic consonants in Berber: some new evidence. **Journal of African Languages and Linguistics**, Berlin, v.10, p.1-17, 1988.
- DELL, F.; EMEDLAOUI, M. Syllabic consonants and syllabification in Imdlawn Tashlhiyt Berber. **Journal of African Languages and Linguistics**, Berlin, v.7, p.105-130, 1985.
- DE SCHUTTER, G. Dutch. *In*: KÖNIG, E.; VAN DER AUWERA, J. (org.). **The Germanic languages**. Londres: Routledge, 1994. p. 439-477.
- FABRE, A. **Gramática de la lengua nivaque**: familia mataguayo, Chaco paraguayo. Kangasala, 2016.
- FLEMMING, E. Stop place contrasts before liquids. *In*: INTERNATIONAL CONGRESS OF PHONETIC SCIENCES, 16., Saarbrücken. **Proceedings** [...], Saarbrücken, 2007. p. 233–236.

- GAFFIOT, F. **Dictionnaire illustré latin-français**. Revisado e aumentado por Gérard Gréco, Mark De Wilde, Bernard Maréchal, Katsuhiko Ōkubo. 2016.
- GLARE, P. G. W. **Oxford Latin dictionary**. Oxford: Oxford University Press, 1968-1982.
- GUNN, J. **Changes in consonant clusters**: how clusters change in the dialect of Vogtländisch. Leipzig: Universität Leipzig, 2005. Manuscrito
- GUTIÉRREZ, A. **Segmental and prosodic complexity in Nivaçle**: laryngeals, laterals, and metathesis. Orientadora: Patricia A. Shaw. 2015. Tese (Doutorado em Linguística) - University of British Columbia, Vancouver, 2015.
- HALLÉ, P. A.; BEST, C. T.; BACHRACH, A. Perception of /dl/ and /tl/ clusters: a cross-linguistic perceptual study with French and Israeli listeners. **INTERNATIONAL CONGRESS OF PHONETIC SCIENCES**, 15., Barcelona. **Proceedings** [...], Barcelona, 2003. p.2893-2896.
- HOOPER, J. B. **An introduction to natural generative phonology**. New York: Academic Press, 1976.
- HYMAN, L. **Phonology**: theory and analysis. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1975.
- JESPERSEN, O. **Lehrbuch der Phonetik**. Leipzig: Berlin: B.G. Teubner, 1904.
- KAWASAKI, H. **An acoustical basis for universal constraints on sound sequences**. Orientador: John Ohala. 1982. Tese (Doutorado em Linguística) - University of California, Berkeley, 1982.
- KIPARSKY, P. Metrical structure assignment is cyclic. **Linguistic Inquiry**, Cambridge, MA, v.10, p.421-441, 1979.
- LAUSBERG, H. **Linguistica romanza**. 2. ed. Tradução de Nicolò Pasero. Milano: Feltrinelli, 1976.
- LEVELT, C.; VAN DE VIJVER, R. Syllable types in cross-linguistic and developmental grammars. *In*: KAGER, R.; PATER, J.; ZONNEVELD, W. (org.). **Constraints in phonological acquisition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. p.204-218.
- LEVI, S. V. Glides. *In*: OOSTENDORP, M. Van (org.). **The Blackwell companion to phonology**. Oxford: Blackwell, 2011. p.341-366.
- LOPORCARO, M. Syllable, segment and prosody. *In*: MAIDEN, M.; SMITH, J. C.; LEDGEWAY, A. (org.). **The Cambridge History of the Romance Languages**. Cambridge: Cambridge University Press, 2011. p. 50-108.
- MADDIESON, I. Syllable Structure. *In*: DRYER, M. S.; HASPELMATH, M. (org.). **The world atlas of language structures online**. Leipzig: Max Planck Institute for

- Evolutionary Anthropology, 2013. Disponível em: <http://wals.info/chapter/12>. Acesso em: 19 dez. 2019.
- MAROTTA, G. The Latin syllable. *In*: VAN DER HULST, H.; RITTER, N. A. (org.). **The syllable: views and facts**. Berlin: Nova York: Mouton de Gruyter, 1999. p. 285-310.
- MASSINI-CAGLIARI, G. **A música da fala dos trovadores**: desvendando a prosódia medieval. São Paulo: Ed. da UNESP, 2015.
- MATEUS, M. H.; D'ANDRADE, E. **The Phonology of Portuguese**. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- MATTOS E SILVA, R. V. **O português arcaico**: fonologia, morfologia e sintaxe. São Paulo: Contexto, 2006.
- MATTOS E SILVA, R. V. **Estruturas trecentistas**: elementos para uma gramática do português arcaico. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1989.
- MATTOSO CÂMARA JR, J. **História e estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.
- MCCULLAGH, M. The sounds of Latin: phonology. *In*: CLACKSON, J. (org.). **A companion to the Latin language**. Oxford: Blackwell, 2011. p.83-91.
- MEISER, G. **Historische Laut- und Formenlehre der lateinischen Sprache**. 2. ed. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 2002.
- OHALA, J. J. Phonetics and historical phonology. *In*: JOSEPH, B. D.; JANDA, R. D. (org.). **The Handbook of Historical Linguistics**. Oxford: Blackwell, 2003. p.669–686.
- PARKER, S. Sonority. *In*: OOSTENDORP, M. Van (org.). **The Blackwell companion to phonology**. Oxford: Blackwell, 2011. p.1160-1184.
- PAUL, H. **Prinzipien der Sprachgeschichte**. 5. ed. Halle: Niemeyer, 1920.
- SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. 7. ed. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye, com a colaboração de Albert Riedlinger. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1975. Original de 1916.
- SELKIRK, E. O. The syllable. *In*: VAN DER HULST, H.; SMITH, N. **The Structure of Phonological Representation**. Dordrecht: Foris, 1984. p.337–383. Part I.
- SEN, R. **Syllable and segment in Latin**. Oxford: Oxford University Press, 2015.
- SIEVERS, E. **Grundzüge der Phonetik**. 5. ed. Leipzig: Breitkopf und Härtel, 1901.
- SIMIONI, T. **Uma análise dos vocoides altos em português brasileiro**: relações entre silabificação e atribuição do acento. Orientadora: Gisela Collischonn. 2011. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

VIARO, M. E.; GUIMARÃES-FILHO, Z. O. Análise quantitativa da frequência dos fonemas e estruturas silábicas portuguesas. **Estudos linguísticos**, São Paulo, v.36, n.1, p.27-36, 2007.

VIGÁRIO, M.; FALÉ, I. A sílaba no português fundamental: uma descrição e algumas considerações de ordem teórica. *In*: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGUÍSTICA, 9, Coimbra. **Actas** [...], Lisboa, 1993. p. 465-477.

VIGÁRIO, M.; MARTINS, F.; FROTA, S. A ferramenta *FreP* e a frequência de tipos silábicos e classes de segmentos no português. *In*: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGUÍSTICA, 21., Lisboa. **Textos selecionados** [...], Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, 2006. p. 675-687.

WILLIAMS, E. B. **Do latim ao português**. 3. ed. Tradução de Antônio Houaiss. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975. Original de 1938.

WRIGHT, J. **The English dialect grammar**. Oxford: Clarendon, 1905.

Recebido em 19 de dezembro de 2019

Aprovado em 31 de março de 2021